

Atividade madeireira no meio oeste catarinense e a Vila de Campina Redonda

Thiza Ferreira
thiza@altoqi.com.br
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: O desenvolvimento da atividade madeireira no meio oeste catarinense teve início com a subsidiária da empresa construtora da Ferrovia Teresa Cristina, a “Lumber and Colonization Company”, que desmatou a região para construir a estrada e aproveitando-se do enorme potencial madeireiro das matas de araucária com isso assumiu a liderança da produção e exploração das florestas. Em meados do século XX, surgiram outros grupos empresariais também interessados na extração de madeira, dentre eles destacam-se o Grupo Vinícola Rio Grandense e Celulose Irani S.A., que associaram-se e fundaram a Madeireira Rio Irani e a Vila de Campina Redonda, que após, um período de prosperidade, sucumbem a restrições do IBAMA e a interesses econômicos diversos e desaparecem, em meio a um canteiro de reflorestamento de pínus.

Palavras-chave: Devastação; Madeireiras; Oeste Catarinense; Colonização

Abstract: The development of logging industries in the catarinense middle-west has its beginning with a subsidiary company of Teresa Cristina railway named “Lumber and Colonization Company”, that deforested the region to build the road and taked advantage of the huge timber potential of the Araucaria forests and became the leadership in the wood production and exploration. In the late of the 20th other business groups arose, also interested on the logging, among them features the “Grupo Vinícola Rio Grandense” and “Celulose Irani S.A”, which had associated together to found the “Madeireira Rio Irani” and the “Vila de Campina Redonda”. After a period of prosperity they had succumbed to IBAMA’s restrictions and to economic interests and had disappeared in the middle of a pinus reforestation garden.

Keywords: Destruction; Lumbering; West Catarinense; Colonization

The logging activity in the catarinense middle -west and the Campina Redonda Village

O presente artigo se propõe a fazer uma breve historiografia da Vila de Campina Redonda e um panorama do início da atividade madeireira no meio oeste catarinense. Reconhecemos que este texto é uma contribuição pequena para a catalogação e registro da história da Vila de Campina Redonda, porém, é uma prévia de um trabalho historiográfico que se realizará dentro de três anos e que de fato contribuirá para a catalogação da história da vila e das lembranças dos homens e mulheres que ajudaram a construí-la.

A extração propriamente dita da madeira no oeste de Santa Catarina se tornou uma atividade econômica na primeira década do século XX, quando a investidora Southern Brazil Lumber and Colonization Company, conhecida como Lumber, com capital inglês e francês, começou a fazer o aproveitamento da madeira que era retirada no traçado da Ferrovia Teresa



Cristina, que ligou São Paulo ao Rio Grande do Sul, mais precisamente à Santa Maria da Boca do Monte, atualmente Santa Maria.

Até então a única atividade extrativa vegetal na região era a das folhas e pequenos galhos de erva-mate, que era extraída e consumida pelo caboclo do oeste catarinense, do sudoeste do Paraná e do planalto serrano catarinense, onde era usada como chá e chimarrão. Outra atividade extrativa da época era a caça de alguns animais, principalmente no verão, época da safra de guavirova, ovalha, goiaba e outras frutas menos representativas, quando os animais estavam mais gordos.

Alguns autores têm enfatizado a importância do momento da I Guerra Mundial para o súbito aumento da produção madeireira e exploração das matas de araucárias no Sul do Brasil. Vários fatores contribuíram para essa elevação da produção. Entre eles não só a impossibilidade de importação do pinho estrangeiro, mas também uma série de mudanças que estavam ocorrendo no planalto sul-brasileiro nos primeiros anos do século XX.

Nesse sentido, a construção da ferrovia São Paulo – Rio Grande teve tanta influência na ascensão da produção madeireira quanto as condições econômicas geradas pela I Guerra Mundial. Projetada desde o final do século XIX, como estratégia para o povoamento dos ‘sertões’ do sul do país, a estrada foi inaugurada em 1910, num total de 1.403 km, cortando amplas extensões de matas praticamente inexploradas do interior do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Ainda contava com vários ramais, entre os quais o ramal de União da Vitória (PR) e São Francisco do Sul (SC).

A subsidiária da empresa construtora da ferrovia, a Lumber, instalou nesse ramal a maior serraria da região da Araucária, aproveitando-se do enorme potencial madeireiro das matas de araucária e, por muitos anos, constituiu-se na liderança da produção e exploração madeireira das florestas de araucária.

O crescimento da produção de madeira na época da I Guerra Mundial deve ser explicado dentro de um contexto mais amplo do que as razões estritamente econômicas de valorização da araucária pela impossibilidade da importação do pinho estrangeiro. De qualquer forma, esse contexto internacional favorável estimulou ainda mais esse processo de utilização da floresta para transformação em produtos madeireiros. Os próprios países europeus passaram a importar cada vez mais madeiras para a reconstrução das cidades arrasadas pela guerra.¹

¹ CARVALHO, Miguel Mundstock Xavier de. “Percorrendo a Araucarilândia”. In: _____. *O desmatamento das Florestas de Araucária e o Médio Vale do Iguçu: Uma História de Riqueza Madeireira e Colonizações*. Florianópolis: UFSC, 2006. p. 48-79.



Com a Europa, devastada pela I Guerra Mundial, necessitando de madeira, somado às transformações que estavam ocorrendo no oeste catarinense, empresas de capital estrangeiro e nacional ‘descobriram’ a potencialidade e rentabilidade das florestas do oeste catarinense: fartas de quantidades de araucária, árvores de grande porte, madeira de alta qualidade e de fácil manuseio – reta, robusta e lasca fácil. Havia também outras espécies nativas como a imbuia, canela, cedro e o angico, todos com grande durabilidade e resistentes a pragas, como o cupim, por exemplo.

Em meados do século XX, começou a ficar cada vez mais comum a formação de grandes empreendimentos industriais madeireiros na região da Araucária. Enquanto a Lumber reinava sozinha na produção madeireira no início do século XX, começaram a surgir grupos empresariais possuidores de várias serrarias espalhadas pela região das Araucárias. Em Santa Catarina, podemos citar a Indústria e Comércio de Madeiras Batistela S.A., com sede em Lages e possuidora de 10 serrarias, em 1968, além de outros pequenos núcleos extrativos, situados na região meio-oeste como grupo Tozzo, Gobbi, Solletti e o Grupo Sociedade Vinícola Riograndese, com sede em Caxias do Sul (RS), associada à Celulose Irani S.A, com sede no município de Catanduvas (SC).

[...] os novos processos técnicos demandavam maiores investimento, se adaptavam bem a realidade desses grupos empresarias, que podiam assim reunir uma maior quantidade de capital do que o antigo madeireiro isolado na floresta. Enquanto muitos madeireiros tradicionais entravam em declínio pelo esgotamento dos pinhais em muitos locais da Araucarilândia nas décadas de 1960 e 1970, novos grupos empresariais emergiam fábricas de papel, papelão, celulose e móveis. Como exemplos desses novos grupos de empresariais madeireiros surgidos ou em ascensão econômica a partir da década de 1950, podemos citar a Celulose Irani, Olinkraft, Celulose e Papel S.A., Rigesa S.A.²

A empresa Celulose Irani S.A, produtora de papel celulose, situada no município de Catanduvas, atualmente município de Vargem Bonita, associando-se ao grupo Sociedade Vinícola Riograndese, que nesta sociedade assume o nome de Grupo Desorzi, funda, em 1970, a Madeireira Rio Irani, situada onde hoje é o município de Vargem Bonita, próximo a BR 153, km 51. A base desta sociedade funcionava da seguinte maneira: a empresa Celulose Irani S.A. cederá as terras ao Grupo Desorzi para a retirada da mata nativa, abrindo espaços para o reflorestamento de pínus e eucalipto, essenciais à produção de papel e celulose. Quanto ao maderil extraído, o de pouca qualidade era destinado aos digestores da fábrica de celulose

² CARVALHO, Miguel Mundstock Xavier de. “Percorrendo a Araucarilândia”, op. cit., p. 48-79.



e as madeiras ditas de lei, nobres, eram beneficiadas e exportadas pelo grupo Desorzi, que repassava uma porcentagem, não revelada, à Celulose Irani S.A., até então, situada no “meio do nada”, numa campina de solo lodoso, pois naquela data a construção da BR 153 no meio oeste catarinense era só um projeto. A construção da Madeireira Rio Irani deu origem à vila de Campina Redonda, que no final da década de 80 do século passado, possuía 400 casas e cerca de 3000 habitantes onde hoje é uma área de reflorestamento de pínus.

Para que a história dessa vila não fique somente na lembrança de seus moradores e se perca, literalmente, no meio do mato, faremos aqui uma breve historiografia desta vila que, como tantas outras no oeste catarinense, fizeram parte do processo de exploração das florestas de araucárias.

A origem do nome Campina Redonda faz referência ao local escolhido para a instalação da madeireira, como o próprio nome diz era uma campina da forma arredondada de solo lodoso e cercada por araucárias.

O depoimento de Clarício Moares, um dos primeiros funcionários da Madeireira Rio Irani e chefe das serrarias por 28 anos, conta-nos como foi o início da construção da vila.

Bom, nós começemo a maderil em 72, começo assim, sem nada, só acha o terreno, em 74 nós já tinha uma serraria funcionando, era a serraria 01, em 75 tinha duas, a serraria 02, serraria de imbuia, em 76 tinha a serraria 03. Nesse intervalo também saiu a fábrica, que era outro setor, né, mas é tudo da Maderil, fábrica, laminadora...
Eu vim em 72... E vim até campina redonda... Chegando perto ali... Terminou a estrada, nós fumo de a pé pra Campina Redonda uns 2 km, então lá não tinha nada...³

Durante seu funcionamento a madeira Rio Irani, conhecida como Maderil, baseou sua produção na extração vegetal, principalmente de araucária, e na produção de laminados e caixarias. A extração de araucárias durante os primeiros anos de funcionamento chegou ao número de 100 pinheiros serrados por dia, totalizando cerca de 125.000 pinheiros retirados das florestas de araucária das terras da Celulose Irani S.A.

Observando os inventários florestais realizados pelo projeto RADAMBRASIL nas florestas primárias ainda existentes na década de 1970, na região de Caçador (SC), Nilson Thomé, em *O Ciclo da Madeira*, mostra-nos o potencial madeireiro destas florestas.

[...] nos relictos então existentes foi encontrada uma mediai de 516,00 m³ de madeira por hectare, sendo que 428,00 m³ recaíam sobre pinheiros com

³ Depoimento de Claríssio Pereira de Moraes, concedido em 17/05/2008 em Irani – SC.



diâmetro acima de 25 centímetros e 60,00 m³ sobre a imbuia. Comparando-se este resultado com a média de 215,00 m³ de madeira por hectare, encontrada na Amazônia, pode-se afirmar que não houve na América do Sul um potencial madeireiro igual. Os levantamentos dendrométricos realizados nos Andes da Patagônia, Argentina, também mostraram médias bastante inferiores.⁴

Diante de tanto potencial da floresta de araucária, com três serrarias funcionando a todo vapor, a Vila de Campina Redonda começa a crescer, constrói-se, primeiramente, a pensão, para abrigar os trabalhadores que trabalham nas serrarias, na fábrica de laminados e na construção das casas da vila. “A pensão foi o início da história” conta Clarício. O trabalho de construção das casas, que no ano de 1989 totalizavam 412, foi árduo. As casas eram construídas com a madeira retirada da floresta e beneficiada pela madeireira, a atividade era contínua, as serrarias trabalhavam constantemente para produzir a madeira suficiente para a construção da vila e para atender o seu mercado consumidor. As casas eram feitas com madeira de canela e construía-se uma casa por semana, o trabalho de construção das casas era árduo, como o solo era lodoso, ao cavar um buraco para alicerçar havia a necessidade de um homem para cavar e outro para retirar a água, assim como o processo de aterramento de toda vila, colocava-se uma camada de pedra para aterrar e dentro de algumas horas o lodo já havia coberto.

A maioria era uma campina assim e era banhado. A prefeitura se encarregou, acho que puxou lá umas 10 mil cassambada de pedra. Botava pedra hoje, quando era amanhã já tava embaixo de novo, pedra de novo. A prefeitura correu uns dois anos, a prefeitura de catanduvás, né, só puxando, com umas 3, 4 cassambas. Foi sério! Pra todo mundo. Porque ia fazer uma casa, então cavocava o cepo, um cavocava e outro tirava com uma bacia a água [...]”⁵

O mercado consumidor da Madeireira Rio Irani estava na cidade de Caxias do Sul, onde se localizava o escritório central do Grupo Dezorzi, toda madeira produzida na vila era serrada e levada ainda ‘verde’ a Caxias do Sul, onde era secada e beneficiada para seguir à exportação, principalmente para a Europa. A Madeireira Rio Irani, até 1995, tinha uma produção mensal de 3.000m³ de pinheiro araucária e 2.000m³ de outras essências nativas, produziam também em torno de 300.000 portas e 1.500m³ de compensado por mês.

Em 1995, após extrair da região 130.000 araucárias e mais de 500.000 árvores de diversas espécies, o Grupo Dezorzi se retira do consórcio e volta ao Rio Grande do Sul e a

⁴ THOMÉ, Nilson. *Ciclo da Madeira: história da devastação da Floresta da Araucária e do desenvolvimento da indústria madeireira em Caçador e na região do contestado no século XX*. Caçador: Imprensa Universal, 1995. p. 28.

⁵ Depoimento de Claríssio Pereira de Moraes, concedido em 17/05/2008 em Irani – SC.



Celulose Irani continua administrando a madeireira que, por embargos do IBAMA, não pode mais extrair árvores nativas da região.

Em 1996, a fábrica de compensados e laminados é fechada e acontece a primeira demissão em massa. Também são desativadas a serraria Dois e Três, que serravam madeiras ditas nobres. Mantém-se funcionando apenas a serraria Um, que serrava pínus, uma madeira de qualidade inferior, que serve apenas para a fabricação de caixas e abastecimento dos digestores da fábrica de celulose.

A empresa Celulose Irani, especializada na fabricação de papel, celulose e embalagens, não podendo mais extrair madeiras nobres de suas terras, não via mais perspectivas de lucro em manter a Madeireira Rio Irani funcionando. Então, em 2003, a última serraria, a serraria Um, foi desativada. Nesse momento a vila contava apenas com 150 habitantes. Entre 2005 e 2008, Campina Redonda entrou num processo de desativação, a escola Básica Frei Edgar Loers, que pertencia ao Estado, foi destruída. Escola esta que, durante todo seu funcionamento, foi referência no município. A Unidade Sanitária, que possuía atendimento ambulatorial e odontológico, foi também desativada, assim como todo tipo de prestação de serviço como banco, correio, enfim, todo tipo de serviço necessário ao funcionamento da vila. As casas da vila foram desmanchadas e levadas por seus próprios moradores que, quando foram demitidos da madeireira, tiveram esta opção.

Hoje, as terras onde se localizava a Vila de Campina Redonda é uma área de plantio de pínus pertencente à Celulose Irani S.A., que a transformou num canteiro de reflorestamento o que, outrora, foi o campo onde muitos homens e mulheres semearam seus sonhos e construíram seus lares.

A área de reflorestamento está longe de ser a pacata e próspera Vila de Campina Redonda, que ainda vive na memória de seus moradores e ex-funcionários, como o professor Ismael Ferreira e Claríssio Pereira de Moraes, que tanto contribuíram para a realização deste artigo e conservação da memória da vila.

Fontes

Depoimento de Claríssio Pereira de Moraes, concedido em 17/05/2008 em Irani – SC.

Referências

CARVALHO, Miguel Mundstock Xavier de. “Percorrendo a Araucarilândia”. In: _____. *O desmatamento das Florestas de Araucária e o Médio Vale do Iguaçu: Uma História de Riqueza Madeireira e Colonizações*. Florianópolis: UFSC, 2006. p. 48-79.



THOMÉ, Nilson. *Ciclo da Madeira: história da devastação da Floresta da Araucária e do desenvolvimento da indústria madeireira em Caçador e na região do contestado no século XX*. Caçador: Imprensa Universal, 1995.

